

Darcília M. P. Simões  
(Orgs.)

# DIÁLOGOS INTERSEMIÓTICOS

VOL. I



Darcilia M. P. Simões

(Orgs.)

# *Diálogos Intersemióticos*

## *Volume I*

2011

*Darcilia Simões (org.)*

Copyright @ 2011 Darcilia Simões

*Publicações Dialogarts*

<http://www.dialogarts.uerj.br>

Organizadora e Editora do volume:

Darcilia Simões – <http://www.darciliasimoes.pro.br>

Co-coordenador do projeto:

Flavio García — [flavgarc@gmail.com](mailto:flavgarc@gmail.com)

Coordenador de divulgação:

Cláudio Cezar Henriques — [claudioc@uol.com.br](mailto:claudioc@uol.com.br)

Diagramação:

Carlos Henrique Braga Brandão

Elizabeth Estumano Freire

Marcos da Rocha Vieira

Capa:

Carlos Henrique Braga Brandão — [pedra.henrique@gmail.com](mailto:pedra.henrique@gmail.com)

Revisão:

Ana Lúcia R. P. Martins

Maria Noêmi F. da Costa Freitas

Logo *Dialogarts*:

Gisela Abad — [gisela.abad@gmail.com](mailto:gisela.abad@gmail.com)

Centro de Educação e Humanidades

UERJ — DEPEXT — SR3 — *Publicações Dialogarts*

**FICHA CATALOGRÁFICA**

S410	Diálogos intersemióticos II. Darcilia M. P. Simões (org.). Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011.
	Publicações Dialogarts
	Bibliografia.
	ISBN 978-85-86837-91-3
	1. Linguística 2. Semiótica. 4. Linguagens e Códigos. I. Simões, Darcilia; (org.) - I - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. II - Departamento de Extensão. III. Título.
	CDD. 410.407

ISBN 978-85-86837-91-3



Correspondências para:  
UERJ/IL - a/c Darcilia Simões  
R. São Francisco Xavier, 524 sala 11.139-F  
Maracanã - Rio de Janeiro: CEP 20 569-900  
Contatos: [dialogarts@oi.com.br](mailto:dialogarts@oi.com.br)  
[darciliasimoes@gmail.com](mailto:darciliasimoes@gmail.com)  
[flavgarc@gmail.com](mailto:flavgarc@gmail.com)  
URL: <http://www.dialogarts.uerj.br>

## SUMÁRIO

O LUGAR DA LITERATURA NO ÂMBITO DA TEORIA SEMIÓTICA DA CULTURA.....	10
Aldo Luiz BIZZOCCHI	
ETHOS E SEMIÓTICA: iconicidade verbal nos textos emotivos.....	42
Ana Maria Gini MADEIRA, Ana Lúcia M. R. POLTRONIERI MARTINS	
MIKHAIL BAKHTIN E A DIALÓGICA DOS VALORES.....	55
Aurora FORNONI BERNARDINI	
A CIRCULARIDADE CULTURAL DAS IMAGENS MÍTICAS: UMA LEITURA SEMIÓTICA DO MITO.....	67
Christina RAMALHO	
AS REPRESENTAÇÕES DO BRASIL NOS TEXTOS DE HUMOR .....	83
Claudia Moura da ROCHA	
ULTRAJE A RIGOR: IRREVERÊNCIA, CRÍTICA & HUMOR.....	99
Cláudio Artur O. REI	
POR UMA ABORDAGEM SEMIÓTICO-DISCURSIVA DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR E DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: O CURSO DE LETRAS E O DISCURSO DE INTEGRAÇÃO DISCIPLINAR .....	109
Cláudio Luiz ABREU FONSECA	
A REPRESENTAÇÃO DO EU NO CAMPO PROFISSIONAL EM PERFIS ON-LINE: UM ESTUDO SISTÊMICO-FUNCIONAL .....	121
Doris de Almeida SOARES	
A ICONICIDADE LEXICAL E A NARRATIVA INSÓLITA .....	146
Eleone Ferraz de ASSIS	
O DISCURSO “PUBLIJORNALÍSTICO”: A INTERFERÊNCIA DO DISCURSO PUBLICITÁRIO NO DISCURSO JORNALÍSTICO NO PARADIGMA DA SOCIOSSEMIÓTICA.....	160
Emerson Ike COAN	
UMA CONCEPÇÃO SEMIÓTICA DE GRAMÁTICA: A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL .....	184
Helena Feres HAWAD	

KALLÍOPE: A MUSA GREGA DA PALAVRA TRANSFORMADA. DO TEXTO ESCRITO DO DRAMATURGO À PERFORMANCE VIVA DO ATOR EM CENA. DIÁLOGOS ENTRE - MENTES.....	196
Marlene FORTUNA	
(RE)PRODUÇÕES ARQUETÍPICAS DO FEMININO NA MÍDIA CONTEMPORÂNEA.....	208
Patrícia CORADO	
EPISTEMOLOGIA DA SEMIÓTICA.....	223
Rosemari Fagá VIÉGAS	
TRADUÇÕES IMPERFEITAS. NOTAS INTRODUTÓRIAS PARA UMA SEMIÓTICA DAS CULTURAS .....	239
Franciscu SEDDA	
SEMIÓTICA E GRAMÁTICA: UMA ANTIGA PARCERIA.....	255
Suely SHIBAO	
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA – UMA PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL.....	269
Vania DUTRA, Magda BAHIA, Bárbara TAVELA, Bruna TRINDADE...	
PERFIL DOS AUTORES EM ORDEM ALFABÉTICA .....	287

## TRADUÇÕES IMPERFEITAS. NOTAS INTRODUTÓRIAS PARA UMA SEMIÓTICA DAS CULTURAS<sup>48</sup>

Franciscu SEDDA<sup>49</sup>

**RESUMO:** O artigo retoma algumas partes de textos fundadores que ilustraram o pensamento dos pais da Semiótica (Saussure, Hjelmslev, Eco, Greimas etc.), para demonstrar como a Semiótica da Cultura possui uma relação estreita e profunda com o nascimento da Semiótica como método e disciplina, a fim de explicar os motivos da sua retomada atualmente como campo de ação ou, pelo menos, como horizonte a ser alcançado por grande parte das pesquisas semióticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semiótica, Semiótica das Culturas, Saussure, Hjelmslev, Eco, Greimas.

**ABSTRACT:** The article starts from the reprise of some passages of the fathers of semiotics (Saussure, Hjelmslev, Eco, Greimas etc..) in order to demonstrate that *semiotics of culture* has a close and deep relationship with the very birth of semiotics as a method and discipline. The article explains the reasons for the current re-emergence of semiotics of culture as a field of action, or at least as a wished horizon, for a wide part of the semiotic research, not only in Europe. The article also shows that what we might call “semioticity” is not only inherent but *doubly inherent* to our human nature and our social life. Consequently, the article argues that “reality” can be better conceived, from a semiotic point of view, as a *net of constantly imperfect translations*. Hence the need to redefine concepts such as translation and prehension, or ones such as rhythm, structure and memory, in order to outline a new theory of semiosphere.

**KEY WORDS:** Semiotics, Semiotics of Culture, Theory of Semiosphere.

### Introdução:

O percurso que seguiremos, nestas breves notas introdutórias a uma Semiótica das Culturas, parte da reconsideração de alguns textos fundadores da Semiótica Geral. O retorno ao auge da definição Semiótica das Culturas, utilizada por escolas semióticas diferentes, por tradição e referências, obriga-nos de fato a reencontrar, desde a fundação da Semiótica como disciplina acadêmico-científica, qual o nível de pertinência que faz da Semiótica, efetivamente, uma Semiótica da Cultura. Neste sentido, como

---

<sup>48</sup> Por ser tratar de uma tradução, excepcionalmente, serão mantidas as notas de rodapé.

Uma versão mais extensa do presente texto, intitulada “Imperfette traduzioni” é a introdução do volume de J. M. Lotman, *Tesi per una semiótica delle culture*, a cura di F. Sedda, Roma, Meltemi, 2006.

<sup>49</sup> Docente de Semiótica – Universidade de Roma – Tor Vergata - <http://web.uniroma2.it>

[sedda@lettere.uniroma2.it](mailto:sedda@lettere.uniroma2.it)

Tradução do original em Italiano - **IMPERFETTE TRADUZIONI** - Note Introduttive per una Semiotica delle Culture - feita por Carmem Praxedes - UERJ/USP. [clpraxedes@yahoo.it](mailto:clpraxedes@yahoo.it)

Revisão de texto: Alcebiades Martins Arêas - UERJ. [bideareas@yahoo.it](mailto:bideareas@yahoo.it)

demonstraremos rapidamente, a Semiótica Geral se apresenta de maneira mais ou menos explícita, de acordo com alguns autores, como uma Semiótica da Cultura. E a Semiótica da Cultura hodierna é, também, por este motivo, sempre mais pressionada a se definir e a agir como uma Semiótica Geral, colocando-se, assim, ambiciosamente como uma epistemologia e uma metodologia das Ciências Humanas, a fim de explicar o mundo do signo e da cultura na sua complexidade.

Este retorno ao auge da Semiótica da Cultura e este olhar amplo parece quase que excluído do contexto, cujo momento histórico em que estamos é genericamente chamado de globalização, fazendo emergir a complexa centralidade na vida de cada dia, nas relações entre as línguas, discursos e culturas diferentes.

Além disso, a descoberta do outro, como foi definida por alguns antropólogos, a emergência da consciência de um mundo feito de uma pluralidade de semiosferas em recíproca e dinâmica interseção, tornou possível que o tema da *tradução* se tornasse central no debate contemporâneo (cfr, por exemplo, Nida, Clifford, Bhabha, Burke...).

Surge daí também a tensão plural a qual definição Semiótica da Cultura foi submetida, transformando-se frequentemente em Semiótica das Culturas.

A Semiótica, na nossa opinião, pode dar uma grande contribuição a este debate, visto que a *tradução* é um dos conceitos-chaves da disciplina, um conceito que se encontra tanto na obra de Lotman quanto na de Greimas e Peirce.

Queremos, então, nestas notas introdutórias começar a retecer os fios deste diálogo semiótico, de maneira a demonstrar o quanto é vasto o âmbito da pertinência do termo *tradução*, seja nas suas nuances internas, seja em relação à ideia de interpretação e tomada de decisão – e qual poderia ser a utilidade de uma retomada e reelaboração deste conceito para a análise contemporânea das culturas.

As notas que aqui apresentamos são apenas uma parte de um percurso mais vasto. No entanto, acreditamos que destas já se delineiem os perfis do trabalho da Semiótica das Culturas, ou seja, elas irão nos ajudar a visualizar e estudar a emergência de um mundo, de uma realidade constituída por uma rede de traduções semióticas constantemente imperfeitas.



### Na teoria geral:

O projeto de uma teoria Semiótica da Cultura pode vangloriar-se de sua estreita e profunda relação com o nascimento da Semiótica como método e disciplina. Poderíamos dizer, de maneira geral, que isto já estava previsto na obra dos grandes pais da Semiótica. À guisa de exemplo, podemos citar Ferdinand de Saussure (1922) quando propôs conceber a Semiologia como “uma ciência que estuda a vida dos signos no espaço da vida social” ou recordar o espaço da proposta de uma “metasemiótica” – uma semiótica que tem como seu conteúdo outras semióticas, conforme Louis Hjelmslev (1961) em *I fondamenti della teoria del linguaggio*.

Não diferentemente a tensão entre uma semiótica como estudo das formas e das lógicas da cultura se encontra nos maiores protagonistas da pesquisa moderna: Barthes, Eco, Greimas, Fabbri. Para ilustrar, vale a pena recordar que o estudo da significação como estudo do mundo do homem e como epistemologia das ciências humanas abre a Semântica Estrutural, de Algirdas J. Greimas (1966) e acompanha toda a sua obra, até os estudos das *paixões* e das *formas de vida*, Umberto Eco – que já na protosemiótica *Obra Aberta* (1962) tinha sinalizado não ser nem crítico, nem estudioso de estética, mas antes um historiador dos modelos culturais – em 1969 tornava público na Itália, juntamente a Remo Faccani, o estruturalismo soviético e o estudo dos sistemas de signos (cfr. Faccani, Eco 1969), que intitulava a introdução do seu Tratado (1975) “Em busca de uma lógica da cultura” e, ainda em 1990, fez a introdução da versão inglesa de um importante volume de Lotman: *Universe of the Mind. A Semiotic Theory of Culture*.

Não nos surpreende, no entanto, que, passados os anos úteis e necessários ao refinamento dos instrumentos e das dificuldades vivenciadas nas primeiras análises textuais, hoje a Semiótica da Cultura (ou das culturas) – juntamente à Sociosemiótica – volte a construir o seu campo de ação, ou, pelo menos, o horizonte prognosticável de grande parte da pesquisa. O consenso transversal em torno desta escrita corrente não pode ser subvalorizado, pois foi cultivado e frutificou, porque a Semiótica tem a necessidade – teórica e política de sua identidade. E a palavra política não é usada ao caso, já no *Tratado de Semiótica Geral*, Umberto Eco definia a base superior do campo Semiótico com os seus limites políticos próprios no ponto de junção entre tipologia das culturas e Antropologia. Então, parece que a Semiótica tenha abandonado aquela

fronteira, talvez por falsa modéstia ou distração, e hoje se encontre a pagar o preço disto em termos de centralidade, presença, visibilidade, legitimação – Em síntese, é o peso de estar no interior do debate social. Não é à toa que este espaço seja hoje preponderantemente ocupado pela Antropologia Cultural e pelos estudos culturais e que a Semiótica, que também tinha tido um desenvolvimento seminal e fecundante de temas; tais como os conflitos culturais, a construção das identidades, os sentidos das histórias, as traduções entre esferas discursivas e linguagens diversas; não consiga valorizar o seu próprio patrimônio e participar com a sua bagagem de categorias, conceitos e modelos de um diálogo disciplinar e político-cultural decisivo para a contemporaneidade.

O fato de que, como dizíamos, a Semiótica da Cultura – pelo menos como *slogan* – estar implicitamente servindo como ponto de encontro e cruzamento de muitos dos principais autores do panorama Semiótico atual – pensemos às conclusões de Paolo Fabbri e Gianfranco Marrone (2001), no segundo volume de *Semiotica in Nuce*, a algumas notas importantes sobre a relação entre enciclopédia, senso comum e Semiótica da Cultura, feitas por Patrizia Violi (2000), à Semiótica das Culturas proposta por François Rastier (2003), ou aos últimos escritos de Jacques Fontanille (2004a; 2006) que propõem também o estudo das práticas e do plano da expressão sobre a égide das Semióticas das Culturas – não pode passar despercebido, na nossa opinião, deveria ter um significado.

Não é este, obviamente, o lugar para se tentar sintetizar o que seria necessário para o produto de um trabalho longo e dialógico, mas certamente é possível tentar antever que a retomada do patrimônio Lotmaniano, em vista de uma sua plena e real integração na teoria geral, poderia dar um salutar impulso a todo o âmbito Semiótico.

### **Uma semioticidade duplamente necessária:**

No ensaio introdutivo ao volume *Ricerche Semiotiche* (Lotman, Uspenskij, 1973) nos encontramos diante de um assunto de grande profundidade e importância. Um assunto de tão grande importância pelo qual podemos correr riscos, como veremos com Greimas, a queda na metafísica e, talvez, por isso mesmo evitado e considerado inútil. Um assunto que, todavia, vale a pena retomar, não exatamente para resolvê-lo, mas para enquadrar a base da reflexão Semiótica sobre a cultura. Trata-se da relação

entre a Semiótica, a consciência humana e a vida social. Ou, dito em outros termos, a necessidade, ou melhor, a inerência ao ser humano e à humanidade em quanto tal, do ponto de vista e de um modo de ser semióticos.

É um assunto que avança facilmente em território filosófico. Não foi ao acaso que o reencontramos em um diálogo de 1984 entre Paul Ricoeur e Algirdas Greimas dedicado à narratividade, em que os dois autores sustentam uma série de princípios e contra-princípios discursivos na tentativa de circundar-se reciprocamente de acontecimentos, de englobar o ponto de vista do outro no interior de si mesmo. Em poucas palavras, Ricoeur procura demonstrar a fundamentação da nossa pre-compreensão, da nossa capacidade de seguir histórias, desconsiderando uma específica competência Semiótica. Greimas, da sua parte, apela à inevitabilidade do recurso a algumas estruturas profundas de sentido para entender a significação daquelas correntes de figuras que organizam superficialmente os nossos discursos.

A argumentação de Greimas tende a afirmar o fundamento da sua visão, destacando o valor de universal das estruturas profundas da significação<sup>50</sup>. A prova disto é o fato de que estas estruturas são encontradas em provérbios, adivinhações e narrações provenientes de milhares de comunidades linguísticas de todas as partes do mundo. Mas está claro para o estudioso lituano que transitar do sentido à significação é uma maneira de se dar “sentido ao sentido”, enriquecendo a compreensão da superfície textual. Por outro lado, Ricoeur reitera sua posição quando concede à Semiótica o papel de explicar na dialética os limites entre compreender e exprimir com clareza. A sua famosa fórmula: explicar muitas vezes para compreender melhor, enquanto por um lado, tenta uma conciliação parcial (e em sua genial e elegante simplicidade), por outro lado, reafirma absolutamente o caráter secundário (a secundariedade) da empresa semiótica sobre o sentido. Nenhum dos dois o diz, mas enquanto Greimas precisou arriscadamente enfatizar a naturalidade da semiótica, Ricoeur enfatizou muito a historicidade, compreendendo-a simplesmente como um saber disciplinar.

---

<sup>50</sup>É em defesa desta posição que Greimas afirma: “ Se não temesse cair em sendas da metafísica, poderia seguramente dizer que si trata de propriedades da mente humana (...)” ( In Ricoeur, Greimas: 2000, p.85).

Lotman e Uspenskij, cada um a seu modo, mantiveram-se no meio desta passagem, procurando estabelecer ligações, em poucos passos, entre naturalidade e culturalidade, explícita e implicitamente, saber cotidiano e saber científico.

Para eles “o ponto de vista semiótico é organicamente intrínseco à consciência humana e neste sentido constitui um fenômeno não somente antigo, mas também muito conhecido por todos”. O ponto é que o homem, na sua consciência ingênua, ignora e tem necessidade de um saber científico para fazê-lo emergir. Isto parecerá um pensamento contraditório, tendo em vista que os estudiosos russos disseram há pouco tempo que o ponto de vista semiótico “é bem conhecido por todos”; o que se explica facilmente.

O saber científico que traz à tona a nossa intrínseca semioticidade, não existe para os expectadores que devem sancionar os seus resultados, na condição de “Nunca pensei sobre isto” – como foram levados a reagir diante das teorias físicas das cordas, da relatividade, ao princípio de intermediação, ou melhor, diante das estruturas do genoma e assim por diante. Mas isto tudo se resume nas afirmações “Eu sempre soube disto”, atestando uma verdade já existente na expectativa de ser reconhecida. Através da articulação destes dois simples jogos linguísticos.<sup>51</sup> Lotman e Uspenskij, parece-nos, desenvolvem um duplo movimento que relaciona – com evidente vantagem para a Semiótica – as posições de Greimas e Ricoeur. Eles, de fato, implicitamente, afirmaram nada menos que uma dupla necessidade da semiótica, colocando-a no início e no fim do nosso viver do e no sentido.

De um lado, efetivamente, como enfatizam, o ponto de vista semiótico está sempre presente nas ações e na consciência do homem e, desta forma, nos é inerente, de qualquer maneira e independentemente da nossa consciência; existe desde o início. Por outro lado, a Semiótica, enquanto disciplina científica, se insere integralmente na ciência do Século XX, em particular naquela que procura penetrar naquilo que, embora simples e evidente, nunca foi analisado. Afirmção antiga, pela evidente conexão com a ideia de Hjelmslev, de tratar o campo da ciência (“a cultura”) como o conjunto de textos

---

<sup>51</sup> Parece-nos interessante, e até agora não devidamente notado, a implícita utilização de jogos linguísticos (cfr. Wittgenstein: 1953) por Lotman, para invocar para dentro do discurso científico o saber cotidiano.

inanalizáveis (movimento que salva contemporaneamente a possibilidade das Ciências das Linguagens sem abolir o bom senso do nosso viver de qualquer maneira por meio deles) mas também pelas passagens histórico-antropológicas que subtende e que veremos mais adiante. De tal ponto de vista, então, a Semiótica se insere em um movimento científico mais amplo de explicitação dos mecanismos que regem a nossa vida em comum. E, enquanto tal, “aspira não tanto a conhecer alguma coisa de novo quanto ao conteúdo, mas, ao contrário, muito para ampliar o mesmo *conhecimento do conhecimento*” (Lotman e Uspenskij, *Ricerche semiotiche*).

Enfim, tínhamos necessidade da Semiótica como saber científico (como explicação) para entender a nossa íntima semioticidade (a nossa “compreensão” graças a estruturas e a mecanismos semióticos que nos pertencem – e em parte nos faz agir – mas nos fogem, nos falta, nos subtrai). Nada mal como um estado de sítio.

A consequência imediata desta circularidade que acabamos de expor é a reafirmação de uma ideia pela qual, como confessava Greimas, ele tinha sido longamente humilhado (Greimas 1987b, p. 169). E há de se suspeitar que desta humilhação pagamos os efeitos todos os estudiosos de Semiótica e de Ciências Humanas.

Respondendo a uma pergunta sobre a sua obra, o estudioso lituano afirmava que a Semiótica, além de trabalhar para enriquecer a sua própria teoria e para explorar campos de experiência e semânticos diferentes, era ela mesma “ação sobre as coisas, realização” (ibid.). Definitivamente, Greimas reivindicava ter sempre afirmado que (...) existia uma vocação da Semiótica, não somente para o conhecimento do fato social ou individual, mas também para a transformação do social e do individual: que a Semiótica, em última instância, podia ser como uma terapia do social” (ibid.).

Dever-se-ia tratar de uma Semiótica que concebia a realização como “ato somático (...) que trata da materialidade das coisas” e que deveria ter se preocupado em indagar a “superficialidade” dos fenômenos para apanhá-los em seus efeitos sobre a vida das pessoas. Uma Semiótica, antes de tudo, como prática de análise e transformação: uma meta talvez distante para alcançar, mas que era para Greimas de importância capital (ibid.)

Enfim, a Semiótica da Cultura hodierna gostaria de, sem perder o seu estatuto de ciência rigorosa, reafirmar o seu estatuto de arte de viver, de poética do quotidiano – como se poderia dizer citando ao mesmo tempo Lotman e Certeau – É evidente que, fazendo isto, colocando-se abertamente na vida em comum ao por a Semiótica entre ciência e arte, o semioticista reafirma a si mesmo como sujeito político.

### **Configurações semióticas:**

Este viver em um modo (duplamente) semiótico nos permite e obriga a percorrer alguns outros temas fundamentais.

Em primeiro lugar nos reportamos a Peirce e Eco, particularmente à ideia de que “a realidade não é um simples Dado, é, ao invés disso, um resultado” (Eco 1979, p. 43) que nasce do esforço interpretativo de uma Comunidade<sup>52</sup> (Peirce 2003, pp. 106 e 109, 5.311 e 5.316; Eco 1997, p. 79) e que não se fixa simplesmente em um saber, mas também nos hábitos, urge dizer, regularidades de comportamento que fazem de cada ação um signo em si mesmo (pelo menos em potencial). Não foi por a caso que Peirce disse: “ a identidade de um homem consiste na *coerência* entre aquilo que ele faz e aquilo que ele pensa” (ibid., 5.315) e traduz esta articulação nos termos de “expressar alguma coisa” que seja inteligível, tornando insustentável uma nítida distinção entre o pensar, o dizer e o fazer. Assim, manifesta-se aqui, sob outras formas, um princípio da semiótica atual: o caráter performativo da linguagem e o caráter linguístico das (suas) práticas. Atos expressivos e expressões ativas. Diríamos que o agir não é mudo, não é pura opacidade, e os signos, além de – ou antes de – representar alguma coisa se realizam enquanto ações no mundo, enquanto táticas para a sua constituição e modificação (Fabbri:1998), quer seja que eles ajam em nível propriamente cognitivo, ou em nível pragmático, patêmico e estésico.

Não é um dado recente, pois, como poderemos ver nos ensaios de Lotman

---

<sup>52</sup> Não é difícil, a posteriori, associar a algumas passagens de Peirce sobre a relação entre interpretações, signos exteriores e comunidades, alguns aspectos da Antropologia de Geertz (1973) com o seu caráter público do significado.

sobre as *poetiches del comportamento quotidiano*, é exatamente nestes jogos de concatenamentos que a Semiótica da Cultura deve se referir para reconstruir ou penetrar a intelegibilidade de configurações de semióticas complexas. Se quiséssemos reconduzir este jogo de correlação a duas séries mínimas e elegêssemos a tal função a relação entre representações e práticas (como para o resto Lotman nos dá modos de fazer em diversas ocasiões, cfr. Lotman:1980-84) não nos encontraríamos muito distantes da releitura deleuziana da Teoria da Cultura de Foucault, na qual, as “formações” que constituem o social emergem do concatenamento entre práticas discursivas e extradiscursivas (Deleuze:1986). Todavia, para nos manter mais próximos da heterogeneidade do real, convém notar, lendo os textos, todos aqueles pontos nos quais Lotman recria alguns conjuntos feitos de palavras, gestos, situações de etiqueta, pedaços de narrações míticas ou romanescas, referências pictóricas ou teatrais e assim por diante, reproduzindo alguns tipos de “anéis semióticos”, na linguagem de Deleuze e Guattari (1980), vale dizer, algumas formações culturais (percebidas e definidas pela Semiótica como texto e textualidade) que podemos imaginar como algumas configurações significativas são produzidas através da competência de substâncias expressivas diversas. Tudo isso, como a afirmar, entre outras situações que retomaremos mais adiante, que nada significa na solidão e nenhuma linguagem significa sozinha.

### **Apreensões e traduções:**

Além das lacunas entre visões diversas da cultura (o que é feito com maior cautela em um texto que não seja uma breve introdução) emerge aqui o problema dos modos semelhantes de concatenamento. Problema que faz par com a identificação dos modos de *apreensão* do sentido por parte dos sujeitos.

Esta união entre relações e apreensões pode ser notada no reflexo do debate entre Ricoeur e Greimas, em que para o primeiro a “compreensão” tem relação com os signos e a sua com-posição, poderíamos dizer, linear, no tempo, enquanto para o segundo o sentido e a sua apreensão do real são devedores de estruturas subjacentes, abstratas, que definem alguns sistemas de posições que se referem àquilo que está sobre a superfície do conto ou estória. Como se em jogo estivesse a dis-posição dinâmica (definição e transformação) dos significados em um espaço.

É evidente que se quisséssemos manter sedimentadas as diferenças, poderíamos destacar que a posição entre Ricouer e Greimas poderia ser substituída ou sobreposta àquela entre Eco, Lotman; quando o primeiro evidenciou o jogo de contínuas retomadas entre signos para tentar uma discussão o quanto menos “assintótica” do significado (Eco, 1984) e o segundo, ao contrário, valorizou o espaço, não somente como metalinguagem descritiva, mas diretamente sobre o fim do seu percurso teórico, como “sistema modelizante primário” ao par da linguagem natural, atribuindo-lhe uma relação profundíssima na estruturação do sentido (Lotman 1992a, consulte-se também Sedda: 2010).

Estas duas lógicas foram também propostas por Jacques Geninasca (1997), quando partiu dos estudos literários, definiu uma *apreensão molar*, baseada em uma espacialidade abstrata que articula a significação na profundidade, uma apreensão ligada àquilo que poderíamos definir um sentido não-comum, ao contrário científico-analítico.

Ao chegarmos a este ponto, parece-nos útil citar algumas passagens aparentemente menores, nas quais lógicas diferentes parecem encontrar um elemento comum que poderia no futuro nos ajudar a correlacioná-las. Este traço comum é o processo central, segundo Lotman, da produção de significação: *a tradução*.

A relação fundamental da tradução<sup>53</sup> se encontra praticamente em toda a obra lotmaniana e em seu último livro, *La cultura e l'esplosione* (1993), assume perfis gerais complexos, e algumas implicações<sup>54</sup> aqui não analisáveis. Todavia, anteriormente, analisando a estrutura do texto poético, Lotman tinha elaborado uma tipologia de modos de formação do significado baseada na tradução (ou melhor, usando um termo atual, transcodificação). A distinção básica era aquela entre tradução *interna*, ou seja, o reenvio entre signos pertencentes ao mesmo sistema, e uma tradução externa, em que está sempre em jogo a criação de uma equivalência convencional entre os dois sistemas.

---

<sup>53</sup> Esta fundamentalidade não foi ainda descoberta por nós. Sobre o tema, muitas foram as contribuições importantes nos últimos anos. Em âmbito semiótico se cfr., entre outros, Torop:1995, *I saggi in Nergaard (a cura di) 1995 e Dusi e Nergaard (a cura di) 2000, Dusi 2003, Eco 2003.*

<sup>54</sup> Algumas destas implicações, e suas possíveis consequências, tentamos dar conta em forma explorativa no decorrer do nosso trabalho de doutorado (Sedda: 2005).



Uma distinção básica que, por outro lado, se abria internamente as mais complexas nuances, úteis a demonstrar as duas lógicas do sentido até aqui identificadas, não como entidades opostas frontalmente, muito mais como elemento de um único *continuum* (Lotman 1972, pp. 48-49).

Para finalizar, além de recordar a sua centralidade em Jakobson (1963) (apesar de uma linguagem verbal presa sempre como ponto arquimédico), é importante evidenciar que a mesma impostação centrada sobre a tradução se encontra em algumas passagens geralmente menos lembradas de Greimas e em diversas definições do significado dadas por Peirce e retomadas por Eco.

Na introdução de *Del senso* Greimas postulava que “ a significação (...) não é outra coisa que esta transposição de um plano da linguagem a um outro, de uma linguagem em uma linguagem diferente, enquanto o sentido é simplesmente esta possibilidade de transcodificação” (Greimas 1970, p. 13) e mais adiante distinguia uma transcodificação *Horizontal*, de caráter principalmente processual, de uma *vertical*, do tipo metalinguístico, fundamentalmente equiparáveis àquelas identificadas por Lotman.

Não obstante em Peirce se encontrem duas definições de significado que aparentemente

remetem a estas duas lógicas. O primeiro caso parece corresponder a ideia de que “o significado de um signo é o signo no qual este deve ser traduzido” (Peirce in Eco 1979, p. 33), deixando aberta a possibilidade de que nesta passagem consiga partilhar a linguagem, o sistema de virtualidades que rege esta concatenação expressiva. Ao segundo caso, corresponde a ideia de que o significado “é na sua acepção primária a tradução de um signo em outro sistema de signos” (Peirce, *ibid.*), deixando entender que aqui se relacionam, por intermédio de uma realização *sígnica*, dois sistemas de significação diversos.

### **Rítmicos, estruturações, memórias: em direção a uma teoria do real (como) semiosfera e redes de tradução:**

Ao chegarmos a este ponto vale o risco de reintroduzir o terceiro tipo de apreensão identificado por Geninasca, a apreensão *rítmica*, e entendê-la como uma lógica posterior, seja como o coração e o motor das outras duas.

A emersão e a constituição do sentido e dos seus objetos é feita de ritmos que se correlacionam. A partir do que Lotman escrevia em *La struttura del testo poetico* (1972, p. 47), até chegar a Geninasca (1997), Landowski (1997, 2003), Marrone (2001, 2005) e Fontanille (2004b). E a atual reavaliação da relação da estesia, do corpo e dos corpos internamente ao campo semiótico, é evidente, mesmo dentro da função sígnica, em qualquer momento em que vemos surgir alguma coisa que significa, que acontece na ordem semiótica do texto. Nós temos o que fazer com pelo menos dois ritmos (Lotman os chamava de cadeias-estruturas): um em função do plano do conteúdo e outro no da expressão, que si conectam ou, viria a dizer algo a nós, mas sem poder posteriormente argumentar; se co-selecionam e co-emergem.

O ritmo aqui é entendido como forma dinâmica (Benveniste, 1966), a forma no seu aspecto de abertura e processualidade. Cada texto, também aquele aparentemente mais hermético, é cortado por ritmos múltiplos que, dinamizando-o e desfiando-o no interior, dão-se como virtualidades de sentido, como possibilidades de correlações futuras. É por isso que, a despeito do quanto se acredite ou seja cômodo pensar, a semiosfera como é descrita por Lotman não é feita de espaços circunscritos, mas é uma tessitura de fluxos de textos que não são corriqueiros – não ao caso retomam habitualmente a metáfora dos desníveis enérgicos, das diferenças de potenciais, de processos de abstração e repulsão – dispostos a entrar em relação com outros fluxos e outros panoramas inicialmente imprevisíveis, gerando diálogos, interseções, ondas, efeitos avalanches, explosões<sup>55</sup>:

(...) the circulation of texts moves ceaselessly in all directions, large and small currents intersect and leaves their traces. At the same time texts are relayed not by one but by many centres of the semiosphere, and the actual semiosphere is mobile within its boundaries [and] these same processes occur at different levels (...)" (Lotman 1990, p. 150).

A semiosfera, diz Lotman, logo em seguida, para tornar mais vivida a imagem:

---

<sup>55</sup> Algumas destas imagens, que são na realidade mecanismos descritos pontualmente por Lotman, datam ao período de elaboração do conceito de semiosfera: o efeito avalanche se encontra, p. ex., em conformidade com a ideia de multiplicação dos níveis estruturais e de isomorfismo vertical (Lotman: 1985, leia-se o ensaio "La semiosfera" mas também aquele sobre "La dinamica dei sistemi culturali"). Todavia, é verdade que no último período – também sobre a influência das teorias Físicas de Prigogine – esta visão densa de dinamismo e imprevisibilidade tenha sido exaltada Cfr. Lotman: 1990, 1992b, 1992c, 1993, 1994. Cfr. também Lozano: 1999.

“ ebule/ferve como o sol”.

Retornar aos micro e macro ritmos que a cada nível constituem o mundo do sentido no seu precário equilíbrio (ou no seu constante desequilíbrio) nos parece necessário. Mas sobre a onda do entusiasmo por esta salutar fluidez, nós não podemos deixar de lembrar a presença de estruturas que garantem a manutenção local dos ritmos, ou o se formar de verdadeiras construções signícas, também graças à decisiva função da memória cultural. E no percorrer todos estes níveis – abertura, estruturação, fixação das cores e imagens fotográficas – tão pouco necessita acreditar que isto seja um valor dado, cuja dimensão seria consubstancialmente progressiva e uma outra rigidamente regressiva ou conservadora, recaindo em uma visão míope que impede de viver como cada dimensão vive uma da outra. A memória, a organização do saber, tem os seus ritmos e as suas estruturas – não por a caso falamos da superfície do saber, temos os seus ritmos e as suas estruturas – não ao a caso falamos da superfície signíca também em termos de enciclopédias rizomáticas (Eco 1984) - , as estruturas se fixam até se tornarem dispositivos (Greimas e Fontanille, 1991), os ritmos, no momento em que emergem, traem uma certa estruturalização ou percolam eles mesmos na memória da cultura, até se tornarem *standards* musicais, reconhecíveis, ainda que sob aspectos diferentes. Eles são capazes habitualmente de nos tocar e nos fazer subir às ondas, superar o tempo, até o ponto em que não podemos fazer por menos que nos levantar e reiniciar a dançar.

Reconquistar o entendimento profundo sobre um quotidiano sempre mais complexo e do qual perdemos o controle – conseguir apreender dele o “canto violento” (de Certeau: 1993) – significa, na nossa opinião, se estamos traduzindo corretamente a hereditariedade de Lotman, prover-se de instrumentos para compreender *contemporaneamente* estruturações e desestruturações, processualidades e sistematizações, fluxos e panoramas, estabilidades e dinamismos, ritmos e memórias.

Significa colher a vida na sua poeticidade e *poieticidade* geral: sem ter medo de reconhecer as suas formalidades que continuamente nos sedimentam graças à atividade oculta e contínua da cultura, dos corpos, da imaginação e ao mesmo tempo a consubstancial imprevisibilidade que este enlace de relações plurais, múltiplas, opacas

em seu excesso, necessariamente reproduz. Nós devemos olhar o tecido e o tecer, na sua imperfeição e incompletude, correto, mas não menos na sua irredutível presença.

Devemos colher as múltiplas rimas (semânticas, plásticas, figurativas) que tecem e desfazem – como Penélope, mas no mesmo idêntico momento – a trama do real; assim como devemos colher as copiosas remotivações do arbitrário (Fabbri: 2000), as contínuas gerações de essências sutilíssimas através de enxame de metáforas (Merleau-Ponty:1964, Nietzsche:1991) que nos fazem parecer, uma vez esquecidos os nossos habituais gestos criativos, tudo “tão real”, “tão verdadeiro”, tão sólido e constrictivo. E, todavia, ininterrupto, estranhamente frágil e conjuntural.

### Referências bibliográficas:

Benveniste E., “La notion de ‘rythme’ dans son expression linguistique”, in **Problèmes de linguistique générale**, Paris, Gallimard; trad. it. “La nozione di ‘ritmo’ nella sua espressione linguistica”, in *Problemi di linguistica generale*, Milano, Il Saggiatore, 1966, pp. 390-399. 1994.

Certeau M., (1a ed. 1974, 2a ed. 1980), “*La culture au pluriel*”, Paris, Seuil. Certeau M., 1980, **L’invention du quotidien. I. Arts de faire**, Paris, UGE, 1993. trad. it. *L’invenzione del quotidiano*, Roma, Edizioni Lavoro. 2001.

Deleuze G., 1986, **Foucault, Milano, Feltrinelli. Deleuze G., Guattari F.**, 1980, *Mille plateaux*, Paris, Les Editions de Minuit; trad. it. *Mille piani*, Roma, Cooper & Castelvecchi. 1962.

Eco U., **Opera aperta**, Milano, Bompiani. 2003.

Eco U., **Trattato di semiotica generale**, Milano, Bompiani. 1975.

Eco U., **Lector in fabula**, Milano, Bompiani. 1979.

Eco U., **Semiotica e filosofia del linguaggio**, Torino, Einaudi. 1984.

Eco U., “**Introduction**” a Lotman 1990, pp. VII-XIII. 1990.

Eco U., **Kant e l’ornitorinco**, Milano, Bompiani. 1997.

Fabbri P., **La svolta semiotica**, Roma-Bari, Laterza. 1998.

Fabbri P., **Elogio di Babele**, Roma, Meltemi. 2000.

Fabbri P. e Marrone G. (a cura di), **Semiotica in nuce. Vol.2. Teoria del discorso**, Roma, Meltemi. 2001,

Faccani R., Eco U., (a cura di), **I sistemi di segni e lo strutturalismo sovietico**, Milano, Bompiani. 1969,

Fontanille J., **Figure del corpo**, Roma, Meltemi. 2004b.

Fontanille J., “Pratiques sémiotiques: immanence et pertinence, efficience et optimisation”, ora ripreso nel volume **Pratiques sémiotiques**, Paris, PUF, 2008.

Geertz C., **The Interpretations of Cultures**, New York, Basic Books,1973; trad. it. 1987, *Interpretazione di culture*, Bologna, Il Mulino. 2006,

- Geninasca J., **La parole littéraire**, Paris, Presses Universitaires de France, 1997; trad. it. *La parola letteraria*, Milano, Bompiani. 2000.
- Greimas A. J., 1966, **Sémantique structurale. Recherche de méthode**, Paris, Larousse; trad. it. *Semantica strutturale. Ricerca di metodo*, Roma, Meltemi. 2000.
- Greimas A. J., **Du Sens**, Paris, Éditions du Seuil; trad. it. 1996, *Del senso*, Milano, Bompiani. 1970.
- Greimas A. J., “Algirdas Julien Greimas mis à la question”, in **Sémiotique en jeu. A partir e autour de l’oeuvre d’A. J. Greimas**, a cura di M. Arrivé e J-C. Coquet, Paris-Amsterdam-Philadelphia, Hadès-Benjamins, pp. 301-330; trad. it. “Greimas in discussione”, in Greimas 1995, pp. 147-170. 1987b.
- Greimas A. J., **Miti e figure**, Bologna, Esculapio. 1995.
- Greimas A. J. e Fontanille J., **Sémiotique des passions. Des états de choses aux états d’âme**, Paris, Éditions du Seuil ; trad. it. 1996, *Semiotica delle passioni. Dagli stati di cose agli stati d’animo*, Milano, Bompiani. 1991.
- Hjelmslev L., **Prolegomena to a Theory of Language**, University of Winsconsin; tr. it. 1968, *I fondamenti della teoria del linguaggio*, Torino, Einaudi. 1961.
- Jakobson R., **Essais de linguistique générale**, Paris, Éditions du Minuit; trad. it. 1986, *Saggi di linguistica generale*, Milano, Feltrinelli. 1963.
- Landowski E., **Présences de l’autre**, Paris, Puf. 1997.
- Landowski E., **Passions sans nom**, Paris, Puf. 2003.
- Lotman J. M., **La struttura del testo poetico**, Milano, Mursia. 1972.
- Lotman J. M., **Testo e contesto. Semiotica dell’arte e della cultura**, Roma-Bari, Laterza. 1980.
- Lotman J. M., **Da Rousseau a Tolstoj. Saggi sulla cultura russa**, Bologna, Il Mulino. 1984.
- Lotman J. M., **La Semiosfera**, Venezia, Marsilio. 1985.
- Lotman J. M., **Universe of the Mind. A Semiotic Theory of Culture**, London-New York, I. B.Tauris. 1990.
- Lotman J. M., “Tekst i poliglotizm kul’turny”, in **Izbrannye stat’I**, tomo I, Tallin, Aleksandra; trad. sp. “El texto y el poliglotismo de la cultura”, in Lotman 1996, pp. 83-90. 1992a.
- Lotman J. M., “O dinamike kul’turny”, in **Semeiotiké. Trudy po znakovym sistemam**, Tartu, Tartu Ülikooli Toimetised, núm. 25; trad. sp. “Sobre la dinámica de la cultura”, in Lotman 2000, pp. 194-213. 1992b.
- Lotman J. M., “Vmesto zakliucheniia. O roli sluchainyi faktorov v istorii kul’turny”, in **Izbrannye stat’i**, t. I, Tallin, Aleksandra, pp. 472-479; trad. sp. “Sobre el papel de los factores casuales en la historia de la cultura”, in Lotman 1996, pp. 237-248. 1992c.
- Lotman J. M., *Kul’tura i vzryv*, Moskva, Gnosis; trad. it. 1993, **La cultura e l’esplosione. Prevedibilità e imprevedibilità**, Milano, Feltrinelli. 1993.
- Lotman J. M., (firmato da Lotman “1989”), “Kul’tura kak sub’ekt i sama-sebe ob’ekt”, in **Izbrannye stat’I**, tomo III, Tallin, Aleksandra, pp. 368-375; trad. sp. “La cultura como sujeto y objeto para sí misma”, in Lotman 1998b, pp. 140-151. 1993c.
- Lotman J. M., **Cercare la strada**, Venezia, Marsilio. 1994.
- Lotman J. M., **La semiosfera. Vol. I. Semiótica de la cultura y del texto**, edición de D. Navarro, Madrid, Cátedra. 1996.

- Lotman J. M., **La semiosfera. Vol. II. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio**, edición de D. Navarro, Madrid, Cátedra. 1998b.
- Lotman J. M., **La semiosfera. Vol. III. Semiótica de las artes y de la cultura**, edición de D. Navarro, Madrid, Cátedra. 2000.
- Lotman, J. M., **Tesi per una semiotica delle culture**, a cura di F. Sedda, Roma, Meltemi. 2006,
- Lotman J. M., Uspenskij B. A., *Ricerche semiotiche*, a cura di C. Strada Janovic, Torni, Einaudi. 1973.
- Lozano J., “Cultura y explosión en la obra de Yuri M. Lotman”, prologo a **Cultura y explosión**, Barcelona, Gedisa. 1999.
- Marrone G., **Corpi sociali**, Torino, Einaudi. 2001.
- Marrone G., **La Cura Ludovico. Sofferenze e beatitudini di un corpo sociale**, Torino, Einaudi. 2005.
- Merleau-Ponty M., **Le visible et l’invisible**, Paris, Gallimard; trad. it. 1999, *Il visibile e l’invisibile*, Milano, Bompiani. 1964.
- Nietzsche F., “Su verità e menzogna in senso extramorale”, in **La filosofia nell’epoca tragica dei Greci e scritti 1870-1873**, Milano, Adelphi, pp. 227-244. 1991.
- Peirce C. S., **Opere**, a cura di M. A. Bonfantini, Milano, Bompiani. 2003,
- Rastier, F., **Arts et sciences du texte**, Paris, Puf; tr. it. 2003, *Arti e scienze del testo*, Roma, Meltemi. 2003.
- Ricoeur P., Greimas A. J., **Tra semiotica ed ermeneutica**, a cura di F. Marsciani, Roma, Meltemi. 2000.
- Saussure F. de, **Cours de linguistique générale**, Paris, Payot; tr. it. 1967, *Corso di linguistica generale*, Roma-Bari, Laterza. 1922.
- Sedda F., “Intersezione di linguaggi, esplosione di mondi. Una rima fondativa fra l'ultimo Lotman e il primo Greimas”, in **Incidenti ed esplosioni**. A. J. Greimas, J. M. Lotman. Per una semiotica della cultura, a cura di T. Migliore, Roma, Aracne, pp. 191-218. 2010.
- Violi, P., “Uno sguardo semiotico sul significato”, in **VS**, 88/89, Milano, Bompiani, pp. 5-35. 2000.

### **Outras fontes;**

- Fontanille J., “Textes, objets, situations et formes de vie. Les niveaux de pertinence de la semiotique des cultures”, *E/C – Rivista on-line dell’Associazione Italiana di Studi Semiotici* ([www.associazionesemiotica.it](http://www.associazionesemiotica.it)), on line dal 28/05/2004 2004a.